

A castidade é algo atual hoje em dia?

Felipe Seitenfus
Juventude Masculina de Schoenstatt
Santa Maria/RS

Certa vez, um colega de trabalho chegou desesperado. O motivo de seu pânico era simples: havia conhecido uma garota em uma festa, papo vai, papo vem, os dois fizeram sexo e ele estava apavorado com a possibilidade de uma gravidez. Para piorar, ele não tinha o contato da moçoila.

É um retrato dos tempos atuais. Sejam os francos: as pessoas, especialmente na faixa dos vinte e tantos, tratam as relações sexuais com a banalidade das compras da semana no mercado. O sexo tornou-se praticamente um gesto comum em produções midiáticas (vide o recente *Sex Education*, na Netflix) e, sinceramente, acho um milagre que a universidade em que estudo não esteja lotada de bebês. Mas, isso é algo para nos assustar, ou para diminuir nosso empenho pela missão? Não! Pelo contrário, deve dar-nos força para lutar pelo que é nobre e genuíno.

A literatura católica, em se tratando de castidade e sexualidade, é ampla e variada. Dentro de Schoenstatt, o Pe. José Kentenich fez várias palestras a respeito do tema e muitas delas estão disponíveis no livro *Sexualidad, don y desafío* (Ed. Patris, Argentina, 2010, sem tradução ao português), organizado pelo Pe. Jonathan Niehaus. É daí que foram tiradas todas as citações presentes neste texto. Em uma delas, o Pai e Fundador faz o seguinte questionamento:

“A cultura de hoje está saturada de sexualismo, ao ponto que se torna excepcionalmente difícil preservar a pureza conforme seu estado (...). A castidade é algo atual hoje em dia? Aqui está a pergunta que nossos filhos costumam fazer, especialmente adolescentes. A castidade é algo antiquado? Toda a atmosfera não está saturada de sexualidade, a ponto de ambos os sexos serem tratados, desde a infância, de uma maneira que parece não reconhecer modéstia?” (Pg. 41)

Geralmente, quando se fala em sexualismo, nós citamos como exemplos os programas de auditório de domingo e os comerciais de cerveja, a exaustão. Mas estamos em 2019, não em 2005: os comerciais de cerveja diminuiriam bastante esse tipo de apelo e os programas de auditório com conteúdo sensual hoje se concentram em menos emissoras. Em vez da sensualidade, a marca maior dele hoje é o desleixo. Predomina uma atitude de desrespeito, o culto ao corpo desconstruído, roubado de seu sexo. Especialmente nas universidades, há uma necessidade quase patológica de regredir a humanidade ao seu lado mais animalesco, especialmente no trato ao sexo.

Mas, e nós? Se você está lendo esse texto, provavelmente acha a situação atual no mínimo infeliz. Contudo, existem pessoas no Ensino Médio e Superior que decidiram ser castos, mesmo com tanto estímulo para não o ser. Por quê?

“Por que eu quero ser casto? Isso parece insignificante, frio, distante, rígido. Eu não quero ser rotulado como quadrado’. Observe se esta não é realmente a maneira de pensar em nossa juventude hoje. Os jovens sabem que precisam ser castos, mas têm

medo de serem rotulados como desatualizados. No passado era de bom tom, mas hoje não é mais moderno” (Pg. 166)

No passado a castidade era bem vista, elogiada. Hoje, quem decide ser casto vira a chacota da turma, o saco de pancada: defender uma vida casta é tido como defender uma causa perdida. Mas isso pode ser um diferencial muito importante, que nos valoriza, segundo nos diz o Pai e Fundador:

“O que estamos dizendo quando pronunciamos a palavra ‘casto’? A palavra significa ‘ser puro’. Se bebermos vinho, queremos beber vinho puro. Pense nisso no contexto da bebida: o que se sentiria se o vinho ou o leite fosse aguado? Se você quer vinho ou leite, tem que ser algo de boa qualidade e puro. Caso contrário, será algo adulterado (...). Ou seja, quando nosso físico está em polvorosa, pense nisso antes” (Pg. 166-167)

A questão é que o ser humano é um ser sexual. Nós temos instintos: comer, dormir, defender-se... E nisso se inclui o impulso sexual. Não neguemos isso em nós mesmos, faz parte do que nos torna humanos, é um dom de Deus. E é o Pe. Kentenich quem diz:

“O que é então o impulso sexual? Um impulso natural, uma pulsão natural (...). É certo? Em princípio, deve-se admitir que sim, e pela seguinte razão: refletir sobre a função do impulso sexual no ser humano. Duas são essas funções: A garantia que a humanidade não se extinguirá. Deus quer que essa função se cumpra, por isso depositou na natureza uma pulsão admiravelmente forte (...). Mas a pulsão sexual tem uma segunda função para a sociedade humana: a pulsão sexual não é só uma pulsão de procriação, mas também uma pulsão de amor extraordinariamente forte (...)” (Pg. 54-55)

Por algum tempo, nos meios católicos, a questão dos impulsos sexuais foi jogada no limbo. Deveríamos tratar apenas das questões de fé, da evolução espiritual e moral. As coisas corpóreas? Deixemos de lado, são coisas mundanas e não se deve perder tempo com coisas mundanas. Sexualidade? *Vade Retro Satana!* Por termos perdido a ligação do mundo com Deus, as vinculações se perderam e o pensar mecanicista tomou conta da sociedade, e esse pensar mecanicista não raro nos incentiva a eliminar ainda mais a ligação do mundo com Deus, num círculo vicioso.

“Não devemos sufocar o impulso sexual em nós mesmos, mas regulá-lo, educá-lo. A pureza regula nosso desejo sexual (...). O impulso sexual não é algo mau. Não temos que nos envergonhar dele (...). Comumente se diz que o pior erro que podemos cometer são os devaneios na área da sexualidade. Isso é verdadeiro e falso simultaneamente, pois os pecados mais graves que cometemos não são aqueles contra a pureza, mas sim contra o amor. Isso é algo que esquecemos no cristianismo moderno. Por quê? Porque temos uma atitude equivocada (...). Os deslizos sexuais são de grande e decisiva importância. Os pecados contra o amor são pecados contra Deus. Os pecados contra a pureza são pecados contra nós” (Pg. 56-57)

Como o Pe. Kentenich diz, *ordo essendi est ordo agendi*. Nossa consciência determina nossas ações, e vice-versa. Se temos consciência da castidade e da pureza, bem como dos impulsos sexuais, poderemos lidar com isso e falar sobre isso de maneira mais sincera e franca, tanto na nossa formação, nos grupos de vida, como com nossos filhos, no âmbito familiar. E se

temos consciência firme, a convivência com pessoas do sexo oposto, seja num grupo de amigos, seja no ambiente de trabalho, será tranquila.

“Eu me aceito como um ser sexuado (...). No ser que me deu, Deus pensou em mim como homem ou como mulher. É por isso que também me aceito deste ponto de vista. O que isto significa concretamente para a integração da vida e do impulso sexual é o seguinte: tornar-se consciente da complementação sexual que ocorre quando estou e quando trabalho com pessoas do sexo oposto. Não quero dizer ‘sexual’ no sentido de ‘sensual’, mas como uma realidade do próprio ser da pessoa. Assim, meu trabalho adquirirá uma forma diferente de acordo com o sexo da pessoa com quem é tratado: pessoas do meu próprio sexo ou do sexo oposto. Estaremos muito tranquilos com essa clareza sóbria, essa objetividade, essa maneira simples de pensar” (Pg. 96)

Mas, como podemos interpretar, consciência não é “bitolação”. Se nossa convivência gira em torno da preocupação com impulsos sexuais, como se estivéssemos sempre pisando em ovos, não há relação social que resista. Isso é algo que deve fluir naturalmente.

“Naturalmente, o caso começa a complicar quando, na relação com o outro sexo, a complementação sexual se torna tão predominante que ameaça se tornar primordial. É natural que essa complementação tenha um papel, mas se ela se tornar hegemônica e nossos pensamentos girarem continuamente em torno dela, estaremos transitando por um caminho perigoso” (Pg. 96)

Lembro-me que, no Fórum Nacional do Jumas em 2017, um dos grupos de estudo – curiosamente, o que eu estava – tratou da coerência e do modo de ser de cada um de nós, como Juventude Masculina. E vários dos questionamentos giraram em torno da questão da castidade: Como devemos nos relacionar com pessoas dos outros ramos? Como devemos nos portar quando estamos conversando, por exemplo, com alguma menina da Jufem? Sobre esses questionamentos, o Pai e Fundador nos diz:

“Por exemplo, estou apaixonadamente apegado a uma penitente [a uma jovem]. Eu observo que os instintos que estão sendo despertados me empurram para baixo. Se eu, então, me esforçar para dar a Deus todo o meu amor, não posso esperar, com o tempo, gerar certa reserva para aquela penitente? Devemos expulsar todas as tentações da alma o quanto antes a atenção delas para essas coisas” (Pg. 101-102)

O Pai alerta para o peso dos pecados contra a castidade.

“Pecados contra a castidade são a fonte da infelicidade de toda a sociedade. Nós valorizamos o casamento? Se eu me casar apenas para ser feliz, tenho uma concepção correta do casamento? Por trás há egoísmo. Todo ato dentro do casamento que é ditado pelo egoísmo é uma falta. Se quisermos salvar a sociedade hoje, devemos conhecer e reconhecer esse erro. Entendeu o significado da castidade quem quer permanecer puro por medo de punição ou porque a pureza é algo bonito? Certamente o medo e a beleza são motivações eficazes, mas não correspondem ao sentido do impulso sexual” (Pg. 72-73)

Em seguida, o Pe. Kentenich traz, como exemplo, uma conversa entre mãe e filha, sobre as angústias que nos cercam quando, digamos, começamos a perceber como a vida é. A filha em questão, pelo teor da conversa, está no Ensino Médio. Mas nós, tanto rapazes quanto moças, no ensino médio ou na faculdade, ou mesmo começando a lidar com a vida

profissional, nos vemos envolvidos em situações como essas. Muitas vezes, nós enfrentamos dilemas como esses, situações como essas. E somos chamados a dar uma resposta schoenstattiana, uma resposta católica. Diz, então a mãe:

“Você tem que se fazer outra pergunta: o que seus jovens amigos têm em suas cabeças quando, depois de uma festa, eles a acompanham em casa, em carros que pegaram emprestado, para beijar, abraçar você? Em resposta, você só pode dizer: ‘Eles só procuram o seu prazer. Eles só querem sair caçando, e eu sou o objeto de sua caça, e assim eles se gabam de ter obtido uma presa’. Naturalmente soa brutal e parece que os meninos te consideram um animal. Não se esqueça que um homem que ama você de verdade não te considera um animal, um pedaço de caça. Para ele, a garota é a soma de tudo que é grande, elevado, misterioso e até algo sagrado” (Pg. 168)

O exemplo dado é de uma mãe e uma filha. Infelizmente, criou-se o hábito de pensar que castidade é uma preocupação feminina, apenas. Isso é um equívoco grave. A castidade, a pureza de alma e coração devem urgentemente tornar-se preocupação masculina também. Nós gostamos de dizer “Sê corajoso, porta-te como homem”, não? Pois a pureza e a castidade também entram na conta.

“Deixe-me dizer-lhe que muitos homens também são afetados pelo ‘amor livre’, que muitos homens são mais idealistas e sensíveis do que parecem. Um menino pode rir porque você é esquiva, mas internamente ele vai te admirar mais. Acontece que parte da natureza humana é desejar o que você não pode ter. Muitas vezes o jovem esconde sua timidez por trás de um comportamento arrogante. Quase todos os homens têm a capacidade de se distanciar internamente do que fazem” (Pg. 170)

As ações desenfreadas, a falta de cuidado com a própria vida, com o próprio ser, tudo isso cobra um preço um dia.

“O apetite não leva ao amor (...). Lembre-se de que você não é um mero objeto com o qual pode brincar como se fosse um pedaço de madeira. Você é um ser com sentimentos. É por isso que, se você começar a se entregar sem hesitação a alguém, tenha cuidado, porque você não será capaz de parar quando quiser, porque as paixões terão despertado. Não se esqueça de que, se você se render tão irrestritamente, fará desse alguém seu futuro ditador. Você não terá mais forças para resistir e acabará se tornando escrava” (Pg. 169)

O Padre Kentenich faz afirmações ainda mais drásticas.

“Suas experiências sexuais, a mais íntima de todas as experiências, deixam uma marca indelével em você (...). Você também pode esconder seu passado e dizer ‘O que isso importa? Minha vida passada é da minha conta’. É realmente assim? Parece-me que a verdade e a sinceridade fazem parte de um amor pleno. Que martírio diário deve ser feito por alguém cuja intimidade não é sincera!” (Pg. 171)

Até agora, elenquei uma série de citações do Pe. Kentenich a respeito da castidade e de como ela está “na corda bamba” hoje em dia. Mas além das questões práticas, há a fé. É uma questão de fé e resistência em Deus e na *Mater Ter Admirabilis*.

“Sabemos da importância que reveste a pureza ao longo de toda a vida, para todos nós (...). É por isso que o que acreditamos com uma fé tão simples e o que esperamos receber da Santíssima Virgem no seu Santuário é muito importante. Essa fé

significa para nós uma forte libertação interior (...). Reitero que podemos estar convencidos que a Santíssima Virgem quer levar a cabo essa obra-prima” (Pg. 41-42)

Em conclusão, fica a nossa tarefa de levarmos nossa castidade, como católicos, como schoenstattianos, ainda que sejamos apenas nós lá fora. Não nos deixemos abater por isso. Acima do que os outros podem pensar, é algo que pertence a cada um de nós.

“Ser casto não significa ser inacessível, nem rejeitar o amor e a união corporal em sua vida, mas, exatamente o contrário. A castidade aprofunda o amor e a alegria na consumação do amor. Que alegria e consumação nos referimos aqui? Para a consumação do amor através da plena união corporal no tempo e da maneira conveniente. Preserva o frescor e a sensação de não estar desgastado até a hora certa (...). Não se esqueça, a prudência não tem nada a ver com falsa humildade” (Pg. 172-173)